



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

SUELLEM MACEDO CARDOSO

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DE
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Abaetetuba-Pará
2019

SUELLEM MACEDO CARDOSO

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DE
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Campus Universitário de Abaetetuba/ Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Prof.^a Orientadora: Dra. Vivian Silva Lobato.

**Abaetetuba-Pará
2019**

SUELLEM MACEDO CARDOSO

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DE
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Campus
Universitário de Abaetetuba/ Universidade Federal do
Pará, como requisito final para a obtenção do Grau de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Prof.^a Orientadora: Dra. Vivian Silva Lobato.

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vivian da Silva Lobato
Orientadora - UFPA

Prof.- Examinador: Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals e Souza

**Abaetetuba-Pará
2019**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, irmã e amigos por todo afeto dedicado para que este sonho se concretizasse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por proporcionar-me ao longo desses quatro anos saúde e sabedoria para concluir esta etapa tão importante em minha vida.

Agradeço aos meus pais, Pedro Emilio Cardoso e Marizete Corrêa Macedo pelo amor, incentivo, apoio incondicional e pela inspiração que a mim cultivaram desde meu desenvolvimento até os dias atuais. Agradeço por acreditarem em meu potencial e batalharem para que meus sonhos e ideias se concretizem.

Agradeço a minha irmã Ellen Susy Macedo pelo incentivo e companheirismo que a mim foram atribuídos. Ao meu namorado Geovane Rodrigues, que mesmo em momentos de desespero obtive todo seu apoio, paciência e amor integral.

Agradeço a minha honrosa Orientadora Profa. Dra. Vivian da Silva Lobato, por proporcionar-me o conhecimento e auxílio necessário na elaboração deste trabalho, pela afetividade e confiança compartilhada as quais me ajudaram a tornar possível este sonho tão especial.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo investigar como os professores de uma escola de ensino fundamental, estão trabalhando com situações de violência entre alunos. O estudo insere-se na temática: violência escolar. O referencial teórico baseia-se nos estudos de Abramovay & Rua (2005), Charlot (1997; 2002), Debarbieux (1998), dentre outros. Os dados coletados são qualitativos oriundos do grupo focal de acordo com o modelo de Bernadete Gatti (2005) realizados com professores da escola situada no município de Abaetetuba. Após a coleta e transcrição, os dados foram agrupados segundo a elaboração de categorias de significados ancorada por Franco (2003), a partir de direções que o próprio discurso dos entrevistados apontou. As questões que conduziram este trabalho foram: o que os professores pensam sobre a violência; tipos de violência; formas de enfrentamento; interferências da violência no trabalho e na aprendizagem do aluno; adoecimento docente. Assim, foi possível detectar que os professores possuem pouca formação e apoio para atuarem em situações de violência, originando medo e indiferença em sua profissão, tornando necessário mais atitude, habilidade, orientação, práticas de conduta, mudanças de hábitos comportamentais e procedimentos adequados para a prevenção de atos de agressividade, estupidez e consequente violência que ocorrem na escola, para assim melhorar o relacionamento entre alunos, pais, professores.

Palavras chave: Violência escolar. Educação. Professores. Alunos.

ABSTRACT

This monograph aims to investigate how teachers of elementary school, are working with situations of violence among students. The study builds on the theme: school violence. The theoretical framework is based on studies of Abramovay & Street (2005), Charlot (1997; 2002), Debarbieux (1998), among others. The data collected are from the focal group quality according to the model of Bernadette Gatti (2005) conducted with school teachers in the municipality of Abaetetuba. After the collection and transcription, data were grouped according to the elaboration of categories of meaning anchored by Franco (2003), from directions that the speech of the respondents pointed out. The issues that have led this work were: what teachers think about violence; types of violence; ways of coping; interference of violence at work and student learning; illness. Thus, it was possible to detect that the teachers have little training and support to work in situations of violence, giving rise to fear and indifference in your profession, making necessary more attitude, skill, orientation, conduct, practices, behavioral habits and appropriate procedures for the prevention of acts of aggression, stupidity and ensuing violence that occur at school, so improve the relationship between students, parents, teachers.

Keywords: School violence. Education. Teachers. Students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
SEÇÃO I.....	11
1 ANÁLISE DA LITERATURA.....	11
1.1. Conceituação: violência e violência na escola	11
SEÇÃO II.....	23
2 DISCURSÃO DAS ENTREVISTAS	23
2.1. O que os professores pensam sobre a violência.....	23
2.2. Tipos de violências manifestadas na escola	25
2.3 Formas de enfrentamento	29
2.4. Adoecimento docente.....	31
2.5 Interferências da violência no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno	32
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

A presente monografia discute sobre a temática “Violência na escola e suas implicações para a prática de professores do Ensino Fundamental”, na cidade de Abaetetuba, no Estado do Pará, e terá como foco de pesquisa a análise das relações interpessoais no cotidiano da escola.

Este trabalho aborda a violência escolar, e também os entraves e seus impactos no cotidiano escolar dos docentes. Dessa maneira, o texto permite uma reflexão e compreensão melhor da prática dos professores. Ainda são abordados assuntos como: Conceituação de violência e violência no âmbito escolar, e por fim, elenca as implicações desta na educação.

Na escola, os alunos assim como professores vivenciam inúmeras situações que envolvem abusos, e estes se ampliam e se misturam ao panorama educacional, o que acaba em diversas ocasiões, dificultando o livre arbítrio e a paz dos componentes para as relações intra-escolares.

Metodologicamente, se optou aqui pelo método da abordagem qualitativa, pois, ela possibilita investigar o fenômeno da violência escolar atrelado com a realidade social da escola pesquisada, tendo em vista as concepções dos professores diante desse problema. André explica que:

Qualitativo porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidade passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 1995, p. 17)

O tipo de pesquisa em questão é um estudo de caso que será realizado em uma escola deste município, corporizado através do grupo focal com os professores da referida instituição. A coleta de dados se dará também por meio do Grupo Focal buscando compreender a concepção e posicionamento de tais professores perante aos acontecimentos de violência na referida escola.

O uso dessa metodologia teve como objetivo principal refletir sobre a prática docente diante da violência entre alunos; o entendimento dos docentes sobre a violência na escola; e também verificar as tipologias desse fenômeno; assim como, algumas experiências relacionadas a estes fenômenos no cotidiano institucional.

Na referida escola, houve a participação de (6) seis professores, sendo concretizada as declarações destes através da técnica do Grupo Focal, que segundo o pronunciar de Gatti (2005, p. 9) *“há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam”*. Dessa forma, este instrumento possibilita a apresentação de respostas mais completas possibilitando constatar a coerência ou as representações que direcionam a respostas, a qual, poderia ser difíceis de captar com outros meios.

Após o Grupo Focal (GF) elegemos agrupar os dados em categorias de significados. Para Franco (2003, p.59), categorização é delineada como *“uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”*. Foram escolhidos aspectos dos fenômenos obtidos das narrativas dos integrantes da pesquisa, assim como das respostas ao questionário, e reunidos a partir das suas unidades de sentidos. Dessa forma, as categorias foram estipuladas de acordo com as falas que assomaram significativamente, seguindo o objetivo desta monografia.

Acentuando os caminhos deste estudo, o arcabouço assentou-se nos principais pesquisadores: Charlot (1997; 2002), Debarbieux (1998), entre outros que no decorrer do trabalho irão subsidiar os escritos.

Deste modo, no intuito de preservar o anonimato, atribuiu-se nome fictício aos professores participantes da pesquisa na apresentação e discussão dos resultados. Os levantamentos acerca da questão foram realizados em uma escola pública estadual do município supracitado, os quais buscaram elencar o grau de violência que nela se instaura e, em especial atenção, à percepção que os educadores elaboram sobre tal fenômeno. Para a coleta de dados, foi utilizado um grupo focal, procurando depreender a concepção e as atitudes de tais professores perante a existência de violência na referida escola.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é investigar como os professores de uma escola de ensino fundamental estão trabalhando com as situações de violência entre alunos, de maneira que tais destrezas educadoras demandam entendimento acerca destas sucessivas ocorrências na escola pesquisada. Os objetivos específicos vêm ao encontro do que foi mencionado anteriormente, buscando compreender o papel do professor diante de uma situação de violência no âmbito escolar e identificar o tipo de violência mais frequente entre os alunos dessa

escola e, por fim, apontar possíveis intervenções que minimizem as práticas de violência no espaço escolar.

O interesse pela elaboração desta monografia surgiu pelo fato de que a violência está presente em diversos lugares entre as mais diversas e distintas manifestações no meio escolar. E, como acadêmica do curso de Pedagogia, entendo a relevância deste estudo, a fim de, contribuir para as melhorias das ações de enfrentamento desta realidade tão presente dentro das instituições de ensino, bem como à redução dos episódios de atos violentos, de incivilidades e da indisciplina no contexto escolar.

Não obstante, fez-se necessário pesquisar como é ministrado, por professores dentro da escola, o cenário violento que acomete não somente alunos, mas também todo o corpo funcional da instituição.

Investigações deste tipo podem fazer-se um instrumento importante no aperfeiçoamento da prática educadora, logo, se levantou pontos que puderam contribuir para uma reflexão e identificação do acontecimento para possíveis ações, esquadrinhando formas de arquitetar estratégias eficazes de educar para um futuro melhor.

Sendo assim, apontar possíveis intervenções que minimizem essas ocorrências de coação no ambiente de ensino foram questões relevantes e significativas para a elucidação desta pesquisa.

SEÇÃO I

1 ANÁLISE DA LITERATURA

Este capítulo está dividido em dois momentos. No primeiro momento, clarificado o conceito de violência e suas amplitudes e difícil significação, apresentada sob a égide da bibliografia. O segundo discute a violência no espaço escolar apresentado como um problema social, o qual está intimamente presente na sociedade e internalizado nas ações dentro das escolas, manifestando-se de inúmeras formas entre os sujeitos incluídos no processo educativo.

1.1. Conceituação: violência e violência na escola

Ao analisar este fenômeno, é necessário considerar o que se entende por violência e, depois, o que se entende por violência nas escolas. Segundo o dicionário Houaiss (2009), o princípio da terminologia violência, *violentia*, é latina e, se referindo à impetuosidade do rigor, vento, severidade (LOBATO, 2016 Apud HOUAISS, 2009). Já a Organização Mundial da Saúde no ano de 2002, posteriormente a diversas análises e estudos abordados sobre os efeitos do fenômeno, considerou a violência como sendo

[...] uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002, p. 5).

A violência pode ser entendida como conduta sob o ato de violação de uma pessoa ou a objetos socialmente valorizados; ato contra a vontade e liberdade de alguém (coerção ou constrangimento); forçar contra a natureza de um ser; ato de transgredir ações definidas como justas e de direito, por uma sociedade (LOBATO, 2016 Apud CHAUÍ, 1998). Segundo estas autoras, tal terminologia abrange as multifaces de identificação do que se entende pelo fenômeno, o qual pode ser analisado de acordo com as especificidades de um dado momento.

Diante de estudos acerca da violência escolar, a busca por uma definição tão complexa e abrangente é difícil; pesquisadores expõem essa dificuldade em entrar

em consenso a esse respeito, a exemplo de: Ruotti, Alves & Cuba (2006), que na tentativa de encontrar definições para cada análise, os autores encontram dificuldades em expor uma única definição acerca de violência escolar. Uma dessas dificuldades seria o fato de que a violência manifesta-se de forma multifacetada e pode ser compreendida de formas diferentes.

Abramovay (2005, p. 53) assinala que

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais.

Segundo Debarbieux & Blaya (2002), a definição do conceito é a primeira dificuldade, pois é grande a diversidade de sentidos do termo violência escolar, onde cada disciplina que trata do tema tende a limitar seu uso. Portanto, a violência é entendida como uma continuação, que parte desde os pequenos crimes, que extinguem o ambiente da sala de aula, aos homicídios em quantidade, sendo cada fato compreendido isoladamente.

De acordo com Hauck (2009), Abramovay (2006) confirma que definir uma conceituação do que seja violência é algo difícil. O autor defende e utiliza em suas investigações a definição de violência ser estudada em seu sentido amplo, assegurando que violência é um conceito relativo, histórico e mutável. Enquanto conceituação, a autora intitula práticas que se inscrevem entre “as distintas formas de sociabilidade de uma dada realidade sócio cultural” e, por isso, se sujeita a deslocamentos de sentidos.

Já Charlot (2002), ao dialogar sobre a temática, estabelece especificações, as quais são: violência, incivilidade, transgressão, agressão e a agressividade. Defende esta distinção para tornar o conceito de violência possível de ser compreendido e empregado em ocasiões oportunas; afirma ainda, ser pertinente que tal fato careça de ser explorado de forma abrangedora.

Percebe-se então, que a diferença entre os autores é muito perspicaz: enquanto Charlot (2002) defende uma distinção do fenômeno, Debarbieux & Blaya (2002) busca examinar o problema em sua dimensão, em deferência às circunstâncias, à descrição e às especificações das vítimas.

Ademais, é necessário levar em consideração essa multiplicidade de concepções acerca do conceito de violência, pois,

[...] a noção de violência é, por princípio, ambígua. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro (HAUCK, 2009 Apud ABRAMOVAY, 2002, p. 12).

Dentre as significações deste trabalho, a autora mencionada anteriormente, demonstra ser pertinente fragmentar o estudo da violência em: violência simbólica, direta e indireta; sendo a simbólica definida pela autora como um conjunto das relações que restringiriam o indivíduo em suas ações, ponderação ou pensamento. A violência direta seria a violência física, que acarreta prejuízos a equidade à vida humana. Por fim, a indireta estando ligada a atos coercivos que implicam em danos à integridade afetiva ou psicológica de um sujeito.

Ao se buscar avaliar diversidades de conhecimentos, seja civil ou penal, não se encontra uma conformidade no conceito. De tal modo, em diferentes países há variáveis diversas na compreensão do que seja violência escolar e os tipos de violência; assim, o interesse de sociólogos, antropólogos e demais pesquisadores por este assunto vem aumentando nos últimos anos.

Esse fenômeno, que não é novidade, vem-se alastrando, trazendo insegurança e descortesias, sob o qual educandos, educadores, corpo escolar e até pais se sentem padecedores dessa situação.

Debarbieux (2002) entende que as pesquisas realizadas sobre violência escolar não deveriam limitar-se apenas a uma única definição, pois seria uma falha científica, podendo ser explanado novos fundamentos sobre esta questão por pesquisadores. Dessa forma, o autor explica que “[...] não deveríamos estar realizando pesquisas sobre a violência como do indivisível, mas, ao contrário, estar multiplicando pontos de vista (indicadores) que nos ajudem a encontrar o que é real num conceito que é ineficaz devido à sua generalidade” (p. 19).

Tal autor é coerente ao argumentar sobre uma única definição do que seja violência, sendo necessário elencar indicadores e estudos do fenômeno, criando um leque de conhecimentos, e trazendo o que é real em um conceito complexo,

conhecendo seus limites e definições, para que haja uma base para uma prática eficaz, concebido por um conceito que acentue esses termos.

Charlot (2002) postula ser pertinente diferenciar violência, agressão e agressividade, visto que, possuem significações díspares.

A agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração (inevitável quando não podemos viver sob o princípio único do prazer) leva à angústia e à agressividade [...].

A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal (agredir é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo) [...].

A violência remete a uma característica desse ato, enfatiza o uso da força, do poder, da dominação (CHARLOT, 2002, p. 3).

Segundo Chauí (1998), a violência pode ser entendida como ações com o uso de força contra a natureza de um ser; ato contra a vontade e liberdade de alguém (coerção ou constrangimento); ato de violação de uma pessoa ou objetos socialmente valorizados; ato de transgredir ações definidas como justas e de direito, por uma sociedade.

Tal problemática perpassa pelos diferentes ambientes sociais, inclusive no espaço escolar, onde professores e alunos, bem como todas as categorias, vivenciam cotidianamente a violência em suas diferentes formas. Ainda nessa perspectiva, percebe-se que a escola é constituída por sujeitos da sociedade que tendem a reproduzi-la, fielmente, no espaço educacional, o qual ainda é palco de representações violentas que se refletem tanto dentro quanto fora dos muros escolares.

Abramovay e Rua (2002) concordam que a violência na escola é formada por manifestações que podem variar quanto aos objetivos, alvos, instrumentos, vítimas e protagonistas. Segundo as autoras as manifestações de violência dentro do espaço escolar podem ser categorizadas por:

Violência contra a pessoa, expressa verbal ou fisicamente: às ameaças, às brigas, a violência sexual, a coerção, mediante o uso de armas; Violência contra a propriedade: furtos, roubos assaltos; Violência contra o patrimônio, especificamente o vandalismo e depredação das instalações escolares (ABRAMOVAY E RUA, 2002, p. 232).

Uma destas violências mais conhecida e praticadas no âmbito escolar trata-se do Bullying. Este termo não possui uma tradução literal para o português. *Bully* é o termo, em inglês, para “valentão” e *bullying* pode ser traduzido por “intimidação”, o que reduz a complexidade do fenômeno a uma de suas múltiplas formas de

manifestação, ou seja, a um comportamento de ameaças e intimidações que assolam externamente a sociedade refletindo de formas negativas no desenvolvimento dos jovens e adolescentes em fase escolar.

O bullying caracteriza-se mais por um padrão de comportamento do que acontecimentos isolados, e caso ocorra com muita frequência pode se agravar com o decorrer do tempo caso não haja monitoramento. Podendo ser definido como uma atitude proposital e agressiva habitual contra uma vítima, no qual as vítimas encontram-se em um cenário de instabilidade real de poder e as vítimas se sentem vulneráveis e incapazes para se defenderem.

Tais comportamentos de Bullying, podem ser definidos segundo (OLWEUS, 1993, apud UNESCO 2019, p. 15) como “físicos (golpes, chutes e a destruição de bens), verbais (provocação, insulto e ameaça), ou relacionais (difamação e exclusão de um grupo)”. Esses tipos de violência geralmente ocorrem dentro e fora da sala de aula, a caminho ou na volta da escola e no entorno das escolas. Normalmente, essas incidências de bullying são comuns em lugares “como banheiros, corredores, vestiários e outros lugares onde crianças e adolescentes não podem ser vistos ou supervisionados tão facilmente por professores e funcionários” (ROMAN, 2011, apud, UNESCO, p. 20).

Ademais, nesse espaço transitam vítimas que sofrem por sua cor de pele ou pelo cabelo. Logo, esse ambiente sofre consequências, ao passo que, diferentes tipos de violência são ampliados para dentro da escola o qual é um lugar de socialização, encontro de jovens e adolescentes, e boa convivência, muitas vezes terminam em bullying e até mesmo em distrato racial.

Outro efeito, tanto da violência escolar em si, como do bullying seria tais atos executados por alunos e professores o qual desperta amedrontamento de frequentar a escola em crianças e adolescentes gerando consequências nas vítimas, refletindo diretamente em aspectos educacionais, sendo eles “faltar aulas, evitar atividades escolares, faltar aulas ou abandonar completamente a escola” (UNESCO, 2019, p. 27). Conforme os escritos, o espaço escolar de forma geral, torna-se um ambiente de insegurança e medo, muitas vezes, o professor não consegue controlar esses incidentes, ocorrendo uma diminuição da qualidade de ensino.

Outro fator são os escândalos de violência, como brigas, desordens, acerto de conta e até mortes são indicados frequentemente pela mídia. Muitos grupos são formados dentro e outros fora da escola para efetuarem práticas violentas. Logo, a

escola fica comprometida deixando de cumprir seu papel de instância formadora, repercutindo a atenção para as relações interpessoais (professor- aluno), visando relações de sociabilidade para a harmonia entre pares e para o bom andamento do processo ensino- aprendizagem e do trabalho pedagógico.

Percebe-se, então, que a violência presente na sociedade não é nova, mas sim, as formas que ela assume que o são. Charlot (2002) ressalta que é preciso fazer uma distinção entre *violência na escola*, *violência à escola* e a *violência da escola*.

A *violência na escola* é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligado à natureza e às atividades da instituição escolar. Por exemplo, quando um bando entra na escola para “acertar contas” e disputas, a escola é apenas o lugar de uma violência que poderia ter acontecido em qualquer outro local. E sobre esta é que se detém este trabalho acadêmico.

A *violência à escola* visa à instituição e aqueles que a representam. Ela acontece quando os alunos depredam a escola, insultam professores funcionários.

Junto com essa violência contra a instituição escolar, deve ser analisada a *violência da escola*, ou seja, uma violência institucional, simbólica, das relações de poder entre professores e alunos, além de atos considerados, pelos alunos, como injustos ou racistas.

Ao verbalizarmos o termo Violência na escola, pensamos ser um fenômeno atual por serem tão frequente as notícias na mídia de algum tipo de violência dentro do espaço escolar. Segundo a afirmação de Charlot (2002), a questão da violência na escola não é um fenômeno novo “assim, no século XIX, houve, em certas escolas do 2º grau, algumas explosões violentas, sancionadas com prisão” (CHARLOT, 2002, p. 432) assim como as relações bastante grosseiras entre alunos nos anos 50 ou 60.

Na contemporaneidade, a violência é um fenômeno notável e crescente nos diversos espaços e tem despertado um interesse crescente nos últimos anos, de maneira múltipla ela ocorre implícita e explicitamente causando sérios prejuízos para a sociedade.

Atualmente, os noticiários de TV e meios de comunicação de massa apresentam episódios de violência ocorridos tanto na sociedade quanto no espaço educacional. Do mesmo modo, é inegável dizer que tais notícias têm ocasionado nas instituições inquietações por parte dos professores e pesquisadores da área,

trazendo discussões desta problemática. As autoras Njaine & Minayo (2003), em *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*, apontam em suas investigações que a mídia é determinada pelos adolescentes com:

[...] as causas da violência nos colégios, sobretudo por noticiar os acontecimentos de jovens atirando em seus colegas nas escolas norte-americanas, e usar a violência para buscar pontos no IPOBE. A violência mediatizada parece atingir adolescentes e jovens de uma forma peculiar. (NJAINE & MINAYO, 2003, p. 126)

Esta análise é constatada uma visão crítica dos jovens, sobretudo em relação à televisão, devido a isto, ultimamente estão se aprofundando estudos sobre o impacto das mídias sobre o comportamento.

Além disso, em tal obra encontram-se as agressões entre os alunos e os adultos e agressão entre alunos. Essas explicações evidenciam-se em intimidações aos professores, assim como, abusos físicos e verbais, bem como os de ordem psicológica (ARAÚJO, 2002 Apud CANDAU, 1999).

Assim também, na atualidade, a escola anda fragilizada pelos sucessivos atos violentos cometidos por jovens e adolescentes, invertendo a real postura desse espaço o qual seria de socialização, educação e harmonia, tornando-se palco de diversas violências, inimizades e competições.

Sob o mesmo ponto de vista Kodato (2010), destaca que, a falta de uma boa estrutura física ou pedagógica na escola propicia ambientes violentos, pois, segundo o autor, a falta de estrutura acaba criando um grupo de alunos excluídos do processo pedagógico, e esses alunos têm de mostrar que estão inseridos na vida escolar, ainda que de maneira violenta.

Como exposto, a violência é manifestada no contexto escolar em suas diversas formas, a autora supracitada ainda expõe a violência na escola em três singularidades, principalmente, ações violentas advindas da instituição e os atos contra a escola perpetuados por sujeitos desse espaço. Logo, a investigação da violência nas escolas tem sido um desafio seguido de uma tarefa árdua quando tenta-se auxiliar e colaborar com questões que são cotidianas no ensino básico e, por entender também que ela abrange aspectos heterogêneos que envolvem contextos diferenciado.

Lobato (2016), enfatiza em sua obra *Violência nas escolas: uma análise das concepções docentes* que há uma “rotinização” da violência no ambiente escolar,

dessa forma, os professores se sentem incapazes mediante aos conflitos, agressões e ameaças ocorridas nas salas, mostrando a amargura e tensões vivenciadas cotidianamente na escola.

Situações como essas são cada vez mais graves. Visto que o respeito com os educadores não há, e muitas vezes, nem este profissional demonstra certa tolerância e consideração com o aluno. Dessa forma, entendemos que há uma disputa de poder e interesse nessas relações gerando assim conflitos interpessoais. Em relação à temática do conflito, Chrispino & Chrispino (2002 apud CARREIRA, 1996, apud SODRÉ, MOURA, ALEXANDRE, 2012) definem da seguinte forma:

Conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda do esforço do entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes (CHRISPINO & CHRISPINO, 2002, p. 321).

Segundo os autores, há pontos de vistas diversos no que diz respeito ao que se entende do conceito e a instância do que é defendido, gerando um certo conflito de interesse do que é entendido. Dessa forma, infere-se que os sujeitos são diferentes, idealizando e atuando de formas diferentes na sociedade, sendo assim, não é sobre estar certo e o outro errado, mas é sobre saber distinguir determinadas situações de pontos de vistas distintos. Assim, é necessário compreender a violência na escola à luz da teoria para uma tomada de decisão em situações oportunas a esse respeito, e considerando-a também com base em outros fatores como: contexto cultural e histórico na qual ela está inserida.

Ademais, a significação de violência não se limita apenas a um determinado sujeito ou cultura, afinal, quando tratamos de violência não à seletividade, pois seja esta racial ou de condição social, toda e qualquer pessoa, independentemente de sua posição social, pode exercer violência sobre outro, pode por ela ser afetado.

Dessa forma, entende-se que os atos violentos sempre estiveram presentes na humanidade atingindo todas as camadas sociais, as classes mais carentes as quais de certa forma são desfavorecidas e condicionadas a ascensão social do indivíduo tendem a perpetrar atos violentos mais que a classe média. Entretanto, isso não significa que um indivíduo ou um determinado número de pessoas por residirem em bairros ou estados brasileiros mais pobres podem ser taxados como

violentos, pelo simples fato de ser pobre. Em outras palavras, não há meio termo quem a pratica seja rico ou pobre, a mesma é parte de uma construção social e pessoal do ser humano.

Segundo mostram alguns filósofos e psicanalíticos, seja para sua sobrevivência ou para instaurar por meio de regras e hábitos culturais nos sujeitos, independente de quem ele seja, investimento em educação é fator primordial para a superação da violência. Conforme alguns estudiosos sobre este assunto esclarecem que:

Investimento em educação formal, na universalização dos direitos políticos, sociais, individuais e específicos e na melhoria das condições de vida dos pobres e dos trabalhadores fez muito mais, historicamente, para a superação das formas graves de violência física e da violência criminal nos países da Europa, por exemplo, do que os investimentos em segurança pública estrito senso. No entanto, o papel da segurança pública no Brasil e no mundo de hoje também é fundamental (CHESNAIS, 1981).

Abramovay e Avancini (2000) apontam que, além dos fatores acima mencionados, a definição de violência pode se diferenciar de acordo com a idade, o sexo e o status social de quem está se definindo, a exemplo, são os componentes do corpo escolar, o aluno, diretor ou professor.

Além disso, seguindo os rumos da bibliografia nacional e internacional, percebemos que a definição do que seja o conceito de violência é exposta ora de forma ampla e ora de maneira restrita. Chesnais (1981) postula múltiplos conceitos de violência, carecendo serem classificados segundo o seu custo social. O primeiro conceito abarcaria a violência física que resulta em danos irreparáveis na vida dos sujeitos vítimas, por conseguinte, exigindo mediações do estado; a segunda, a violência econômica referindo-se somente a danos contra o patrimônio de alguém, resultantes de criminalidade e delinquência contra bens, para tal autor essa especificidade escapa da significação exata de violência por esta não está ligada a violação da integridade da pessoa; por último, a violência simbólica ou moral a qual nos remete ao autoritarismo e à subjetividade.

Percebe-se que dentro destas concepções, existem diferentes tipos de agravos, a partir da integridade psicológica e física de sujeito para sujeito, e até contra bens materiais. Ainda assim, para Chesnais (1981), o primeiro conceito é que apresenta ter por base uma definição etimologicamente correta.

Conforme Abramovay (2003), as pesquisas inglesas habitualmente conceituam violência escolar de forma a não envolver atos violentos por professores a alunos e nem de alunos a professores; já as pesquisas espanholas têm acanhamento moral por assim dizer, ao delinear ações violentas cometidas contra adolescentes e crianças, como violência escolar; os estudos americanos, por exemplo, aproxima-se do exterior da escola, como as gangues, sendo costumeiro as situações de delinquência juvenil, condutas desordeiras, comportamento antissocial; por fim, as pesquisas brasileiras, a partir de meados dos anos 1990, a expressão “violência escolar” às agressões ao patrimônio e contra a pessoa (alunos, professores, funcionários, etc.).

Charlot (2002) é mencionado por Abramovay & Rua (2002) para delinear o conceito quando apresenta a violência simbólica ou institucional compreendida como sendo

A falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (STELKO-PEREIRA & WILLIAMS, 2010 Apud ABRAMOVAY & RUA, 2002, p. 50).

Dessa forma, o autor salienta que a violência corriqueira na escola não é novidade, porém, ela alarga formas e dimensões inéditas nesse espaço, perdendo seu lugar de harmonia, de segurança e de prazer para os alunos - os quais teriam oportunidade de conhecer uns aos outros; conhecer pessoas diferentes (idades e costumes) e de se construir como sujeitos - para ser palco de grosserias, ofensas e até mesmo de fins trágicos.

Porém, muitas vezes, a violência na escola ocorre de forma camuflada e os indivíduos envolvidos têm medo de denunciar. Ou seja, há um “choque” sobre as vítimas que idealizam a escola como segura, um meio de socialização e afetividade e que passa a ser palco de diversas violências, manifestadas em suas diversas formas, desde o uso da força verbal, institucional e até física.

De acordo com Azevedo (2004, p. 05):

A violência pode igualmente ser considerada de âmbito público ou de âmbito privado. A primeira é mais visível, influi e distorce a imagem da sociedade. É a que mais preocupa o Estado, pois é geradora de polêmica. A segunda é mais recôndita, como é o caso da violência familiar, com o Cônjuge ou com os descendentes.

A violência na escola é um exemplo da primeira, contudo, pode ser proveniente da segunda e acaba por gerar conflitos de alunos com os professores.

O professor que deveria ter como foco principal preparar suas aulas, selecionar conteúdos para a aplicação, conhecer a realidade de seus alunos e preocupar-se com seu aprendizado, fica limitado em não saber como agir com os conflitos recorrentes no dia a dia no espaço escolar, sente-se frustrado por não conseguir proporcionar momentos para reeducar esses alunos, com experiências educativas, firmes, que desperte o sentimento de interação social, tendo em vista a ética e o respeito mútuo, sem recorrer a práticas violentas, pois,

Partimos do pressuposto de que a ação educativa que visa à formação para a cidadania e procura favorecer a emergência de interação social construtiva deve estar integrada no cotidiano escolar, de tal forma que o professor seja capaz de aproveitar os múltiplos momentos de conflito que surgem na escola para contribuir de forma eficiente para essa formação. (GONÇALVES, 2005, p. 638).

Contudo, sabe-se que para que a escola e os professores possam cumprir de forma eficiente para essa formação para a cidadania, educadores, pais e alunos devem unir-se para combater a violência na escola. Porém, eventualmente, educadores, pais e alunos relatam que dentre as tipologias da violência, a mesma encontra-se enraizada na esfera social e reflete dentro do espaço escolar.

Além disso, é necessário que o/a professor/a busque formação para uma boa atuação diante desses conflitos, bem como sua prática pedagógica e conteúdo, como dito anteriormente, buscando conhecer o aluno e sua realidade social, através do diálogo e debates em sala.

Ortega e Del Rey (2002), apresentam o projeto de boa convivência sendo o foco a relação professor-aluno. Na intenção de construir relações interpessoais favoráveis, devendo este ser bem trabalhado, pelas dificuldades de boa convivência em sala de aula; formação docente e atividades de bom convívio, o diálogo seria instrumento primordial, as autoras ainda apontam ser pertinente um seminário

permanente e um curso curto direcionado ao projeto, assim como o melhoramento da convivência na sala de aula e nas atividades de diálogo.

Sendo os professores, os condutores na sala de aula, estes precisam estar capacitados para agir em situações de violência, muitas vezes o que acontece é que, pelo fato de não obterem um determinado conhecimento sobre o assunto, pela falta de investimentos em formações e recursos didático-pedagógico, muitos acabam por não intervir em determinadas situações e até mesmo sentem medo de possíveis represálias por parte dos alunos. Dessa forma, o professor acaba não conseguindo exercer uma prática e intervenção eficaz em situações tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Diante desses pontos, ROYER (2002) destaca que a escola tem um enorme papel no que diz respeito às situações de violência e condutas agressivas. Sendo papel de toda instituição escolar, mas em especial dos professores, os quais são um dos principais atores do processo educativo de seus alunos. Sendo assim:

(...) os professores, no decorrer de sua formação inicial ou mais adiante, tem que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejam mais claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje frequentam nossas salas de aula. (ROYER, 2002, p. 253).

Para que isto ocorra de fato, o professor deveria ser preparado desde a sua formação acadêmica para identificar, prevenir e combater atos de violência na escola.

SEÇÃO II

2 DISCURSÃO DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, serão apresentadas as argumentações dos professores sobre a violência e de que forma ela afeta o espaço educacional bem com a pratica docente. Para compreender tais narrativas foram analisadas as seguintes categorias: O que os professores pensam sobre a violência? Tipos de violência; formas de enfrentamento; interferências da violência no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno e adoecimento docente. Os tópicos a seguir, farão referência a vivencia dos educadores bem como suas concepções sobre o fenômeno na escola.

2.1. O que os professores pensam sobre a violência

Ao dialogar sobre o que os professores pensam a respeito da violência, a P1 argumenta que a violência está presente no dia-a-dia da escola assim como na sociedade, além de que diariamente convivem com todos os tipos de violência as quais ganham novas práticas a cada ano. Percebe-se então, que as incidências violentas ainda são “comuns” nas escolas, visto que, essas modalidades ocorrem ora aparentes ora camufladas, de maneira a deixar muitas vezes os professores e coordenadores isentos do seu papel formador por medo de represálias por partes de alunos e pais.

[...]As situações que os alunos vivenciam em casa e em outros ambientes que eles circulam eles acabam refletindo essa violência”.
[...] (P1).

A problemática do fenômeno perpassa por espaços diferenciados da sociedade, cada vez mais transportando-se para dentro da escola. Sem dúvidas, a violência acaba sendo indiciada com um fenômeno interno à escola, com registros de delinquência e incivildades. Além disso, a degradação do local de trabalho efetivada pelos agressores na sala de aula são situações vivenciadas frequentemente pelos professores, a qual gera um misto de sentimentos neste profissional, sendo ele o de queixas (ARAÚJO, 2002 Apud PERALVA, 1997).

Outra preocupação dos educadores, refere-se ao comportamento e desempenho dos alunos em relação a violência familiar sofrida por eles. Essa violência atinge consideravelmente na rotina escolar, ao passo que, os membros familiares contribuem para a socialização da violência para os filhos.

Cardia (1997, p. 40 - 41) discorre que:

Famílias onde há pouco debate sobre decisões, pouca interação social, poucas atividades compartilhadas, onde disciplina é errática e, quando ocorre, é dura e ameaçadora, e onde há muita disputa por dinheiro, são famílias nas quais o risco de violência entre os pais e desses contra os filhos é mais provável.

A partir de tal reflexão, entende-se que a família pode contribuir para alargar ou reduzir as decorrências de violência em outras instâncias sobre seus filhos. Considera-se, ainda, que a violência da família pode comprometer o desenvolvimento intelectual das crianças e jovens

Outra menção feita por três professores, é que ao passar de cada ano os alunos tornam-se mais agressivos, tanto em ações quanto em falas. Os educadores abaixo verbalizam tal percepção:

[...]As falas são muito agressivas. Nós não percebemos dentro da escola com muita frequência a violência física, mas a fala dos alunos me assusta muito a cada ano que passa, a cada ano eles vão ficando mais violentos. É o vocabulário deles, eles adquirem isso e passa a ser uma normalidade. (P1)

“É uma fala com palavrão, ofensas, envolvendo o nome de mães e etc...” [...]. (P3)

“Até a brincadeira entre eles hoje em dia é mais agressiva [...]”. (P4)

No discurso dos entrevistados, percebe-se que devido a violência ser frequente na instituição a um a certa banalização do fenômeno. Candau et al (1999) constata que na sociedade brasileira a banalização da violência já atingiu níveis preocupantes. Isto é, convive-se com a cultura do medo na sociedade atual, da ideia do sujeito como inimigo. Esses fatores, reforçam manifestações violentas, no ambiente de trabalho, relação entre pares e etc; (LOBATO, 2016 Apud CANDAU et al, 1999).

Sendo assim, esta categoria elenca como a violência é pensada pelos professores, assim como, o acarretamento de aversão que ela produz sobre os educadores. Logo, os habituais acontecimentos nesse espaço ocasionam prejuízos

tanto para escola quanto para o aluno, pelo fato de que, os episódios mesmo ocasionando temor, encontram-se “normalizados” na instituição.

2.2. Tipos de violências manifestadas na escola

Durante a entrevista com as professoras, elas destacaram inúmeros tipos de violência presente na escola, porém, a qual mais prevalece é a violência verbal, como afirma o relato a seguir:

“Violência verbal. Número 1 violência verbal” (P4).

O termo violência verbal é definido por expressões do agressor para com as vítimas, mais precisamente, no dia-a-dia escolar.¹ Dessa forma, entende-se que tal tipologia consiste em agredir o sujeito sem o uso da força física.

Com base nos relatos do P2 e P4, houve um aumento significativo desse tipo de agressão e uma diminuição da violência física entre os alunos, como afirma os seguintes professores:

[...] geralmente meninas que brigavam por causa de namorado, eu percebo que diminuiu muito isso, antes em quase todo o recreio aconteciam essas brigas, e eu percebo que isso diminuiu. Eu acho que é aquilo que foi falado a pouco: aumentou a violência verbal, porém, diminuiu a agressão física. (P2)

Fazia tempo que não tinha agressão física, mas sexta-feira teve uma agressão física. Uma aluna arranhou o pescoço de um aluno e ficou sangrando o pescoço desse aluno [...]. (P4)

Em alusão a tal acontecimento, no livro: *Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial*, destaca essas práticas de violência ocorridas como sendo “A violência física inclui a agressão verbal e o abuso emocional, que se manifestam nos atos de isolar, rejeitar, ignorar, insultar, difamar, contar mentiras, xingar” [...] (UNESCO, 2019, p. 14)

¹ Baseado nos pensamentos de FONTES (s.d), disponível em: <knoow.net/ciencsocioishuman/psicologia/violencia-verbal/>. Acesso em: 02 de junho de 2019.

Segundo as narrativas, houve apenas uma redução no número de ocorrências sobre agressão física, no entanto, ela ainda se faz presente nesse espaço educacional. Baseando-se especificamente no relato do P4, pode-se verificar indícios do que Fante (2005) declarou, sobre a participação progressiva de meninas em comportamentos agressivos, isto é, para demonstrar poder em seus grupos sociais as meninas usam de agressão física (LOBATO, 2016 Apud FANTE, 2005).

Para o P5 é recorrente as ações em que alunos mencionam apelidos grosseiros para os colegas de classe como algo “normal”, visto que as vítimas desses agressores muitas vezes se sentem insultadas e amofinadas com tais “brincadeiras”.

Que eles levam na brincadeira, o que apelida. O que apelida acha que está fazendo uma brincadeira, mas o que é ofendido, fica chateado, se fecha, às vezes revida com uma agressividade, manda para algum lugar, fala um palavrão. Aí tem que para um pouco, conversar sobre isso. (P5)

Segundo a análise do professor não há o devido respeito entre os alunos da escola e os ataques contra os alunos que são vítimas dessa violência, geralmente, convertem-se em atitudes drásticas dos sofrentes em relação as frequentes “brincadeiras” do agressor, como retrucar com mesmo nível de violência.

O bullying acontece de forma subjacente, por “meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima” e com grande poder destrutivo, pois fere a “área mais preciosa, íntima e inviolável do ser- a alma” (FANTE, 2005, p. 21)².

Esse tipo de violência ocorre em virtude da desigualdade entre o agressor e o agredido, que é reforçada por diversos fatores, sejam eles “à popularidade, força física ou estatura física, competência social, extroversão, inteligência, idade, sexo, etnia e status socioeconômico” (PEREIRA; WILLIAMS, 2010, p. 51 - 52).

Ademais, crianças e adolescentes são os quais estão mais propícios a sofrerem *Bullying*, visto que, os que se encontram em situações de vulnerabilidade como status socioeconômico, estão mais favoráveis para tornarem-se alvos, por

² Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>> Acesso em 19 de maio de 2019 as 23:45 min.

fatores determinantes como “a pobreza, status social associado a etnia, deficiências, diferenças linguísticas ou culturais, migração ou deslocamento”, aspectos esses apontados por (DEVRIES, 2017, p. 1017).

O bullying está conexo à circunstâncias a qual uma criança ou estudante é exposto repetidas vezes por um período extenso em atos desfavoráveis, podendo ser tanto psicológicos, físicos ou sexuais, por parte de outra (s) criança (s) ou aluno (s), que realizam intencionalmente tais atos, afirmam Runyon, Kenny, Berry, Deblinger e Brown (2006), (PEREIRA, 2009).

Para nível de compreensão, o bullying é uma ação intencional que pode afetar as vítimas tanto no campo psicológico, sexual ou físico. Sendo assim, esse tipo de violência pode danificar tanto a saúde física, como também trazer danos ao psicológico do sujeito agredido.

Outro fator manifestado na instituição é o *cyberbullying* que também está ligado ao *Bullying*. Tal categoria, está ligada a:

[...] postagem e envio de mensagens eletrônicas, incluindo textos, fotos ou vídeos, com o objetivo de assediar, ameaçar ou atingir outra pessoa por meio de uma variedade de mídias e plataformas sociais, como redes sociais, salas de bate-papo, blogs, mensagens instantâneas e mensagens de texto”. O *cyberbullying* pode incluir a difamação, postagens contendo informações falsas, mensagens ofensivas, comentários ou fotos constrangedoras, ou a exclusão de alguém das redes sociais ou outro sistema de comunicação. (UNESCO, 2019, p. 15)

P2: [...] eu percebo o aumento de outro tipo de violência, aquela que acontece também nas redes sociais, tentando atingir a imagem da pessoa com palavras preconceituosas.

Outro fator, é a explanação feita pela P6 é de que os colegas brigam com muita frequência e suas condutas transmitem estranheza ao se exporem da seguinte maneira, “*Nós já resolvemos essa situação. Nós nos desentendemos, brigamos e depois nos acertamos*”.

Percebe-se que tal atitude poderia ser resolvida de forma amigável, porém, isso supostamente está longe de acontecer visto que a violência está enraizada na instituição, sendo um dos meios mais procurados para resolver problemas entre pares, como relata uma das entrevistadas:

Na coordenação a gente recebe muitos registros, praticamente diários; agressão verbal, violência psicológica, a violência física [...] os alunos não conseguem resolver uma situação de desentendimento, eles resolvem dessa forma com violência [...]. (P6)

Com base nisso, compreende-se que na instituição manifestam-se múltiplas formas de violência, (LOBATO, 2016 Apud SPOSITO, 1998, p.16) a define como “todo o ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito”.

Para os educadores entrevistados, os professores evitam chamar a atenção dos alunos que estão comprometendo a aula ou até mesmo aplicar uma prova mais trabalhosa, por temerem ameaça ou vingança que é recorrente na instituição, como afirma os educadores a seguir:

[...] o aluno estava conversando na sala e eu chamei a atenção dele para que ele prestasse atenção na aula e ele se referiu a minha mãe. [...] (P5)

[...] só eu já sofri duas ameaças nesse ano uma professora que me alertou, que uma aluna falou assim para um colega dela da turma: “Olha aquele professor ali tá correndo o risco de pegar uma facada”. A outra ameaça foi um aluno da manhã que me alertou: “Olha professor não deixe o pneu da sua moto lá na frente porque vão furar o pneu da sua moto”. (P4)

[...] já aconteceu de um aluno destruir o carro de um professor, fez um risco no carro todo, [...]. Foi uma vingança do aluno para com o professor, às vezes por causa do professor chamar atenção do aluno ou aplicar uma prova mais difícil. Acontece também de destruírem a bicicleta de professor, furarem o pneu da moto do professor. [...] (P1)

A partir do cruzamento de declarações, percebe-se que o espaço educacional apresenta formas de violência alarmantes. Uma delas seria, a violência de “alunos para com os diretores e/ou professores remetendo-se geralmente a ameaças, muitas vezes ao patrimônio do professor e/ou diretor, como por exemplo: depredamento do veículo, socos, pontapés, etc.” (MASSING, s.d, p. 9). A própria categoria, já não se sentem confortáveis e seguros para atuarem em outras escolas, visto que, estão a mercê de algum atentado pela falta de segurança ou até mesmo pela localização da escola entre outros.

2.3 Formas de enfrentamento

A função do educador com o passar dos últimos anos passou por inúmeras modificações, pelo fato que, a sociedade também sofreu mudanças significativas. Mudanças essas, que disparam obstáculos e também desafios. Um dos principais desafios enfrentados pela classe educadora seria o comportamento do aluno, atitudes de agressividade, conflitos com os colegas e professores. Através destas condutas presenciadas de forma geral pela escola, surgem inquietações no sentido de refletir suas políticas educacionais.

As relações professor/aluno encontram-se, assim, desarmoniosas por esse cenário violento presente na escola, tais como a, indisciplina, infrações de regras e violação dos direitos das referidas classes.

Partindo dos escritos acima, destacaremos como esses ocorridos perpassam pela escola, bem como, os enfrentamentos que tais educadores presenciam na sala de aula e aos arredores.

Para os educadores entrevistados, quando se trata do enfrentamento da violência, os professores evitam não se envolver na confusão dos alunos, por temerem que a responsabilidade de uma determinada ocasião violenta entre estudantes recaia sobre eles. Percebe-se então, uma certa preocupação destes profissionais que ao tentarem contornar determinadas situações, o seu papel formador fica limitado pelo medo. A fala dos professores abaixo ilustra tal sentimento:

[...] quando tem confusão eu não me envolvo, porque foi o que aconteceu com esse professor, ele viu a situação de agressividade lá e foi tentar ajudar e ele saiu na pior, a queda dele foi maior. Jogaram a culpa no professor e o professor perdeu o emprego. (P1)

Se for violência física, geralmente a gente não se mete não. Principalmente, depois do que aconteceu com o Professor que perdeu o emprego porque tentou intervir na briga de duas alunas. [...] (P3).

Segundo Batista e Pinto (1999), conforme citado por (SILVA; GUSMÃO; EUGÊNIO, 2010, p. 31), o medo de ser agredido fará o professor atuar no limite exato da obrigação, ou seja, tornar-se-á professor *stricto sensu* e evitará aquilo que o pode agredir, o aluno. Assumirá uma postura indiferente para com este, que

poderá ser estigmatizado como vândalo ou marginal. As narrativas acima, encontram consonância com a afirmação das autoras, ao passo que, o professor age reduzidamente em suas funções educacionais, ou seja, os episódios violentos na escola segundo as autoras como “as agressões a professores, entre alunos, vandalismos e roubos” estão associados de forma confirmatória com o burnout nos professores.

Dessa forma, o consenso entre os autores e professores é claro, visto que, o professor a partir desses eventos sente receio e fica limitado para intervir em sala de aula, ficando estagnada sua autonomia. Esses acontecimentos, acabam deixando os docentes indiferentes em sala, pelo fato de que, ao recorrerem por apoio aos setores responsáveis da escola como coordenação e gestão não encontram solução para esses acontecimentos como argumenta a P2: *“continua tudo do mesmo jeito, coordenação não faz nada, direção não faz nada, ninguém faz nada mas o que a gente pode fazer de fato?”*.

De tal forma, mesmo que estes profissionais não encontrem suporte desses setores, alguns tentam criar estratégias na tentativa de construir dialogo e respeito entre os estudantes. Essa iniciativa, culminou-se devido à falta de suporte aos docentes, principalmente quando ocorrem briga entre os alunos e preconceitos como (cor do cabelo e da pele). Dessa forma, através de seus conhecimentos empíricos, alguns elaboram estratégias para amenizar tais acontecimentos.

Assim, entendemos o quão é necessário apoio e formação continuada nessa pauta na tentativa de minimizar essas práticas frequentes na escola. Logo, para que ocorra de fato é necessário a mudança tanto no currículo assim como espaço escolar no intuito de assegurar todos os alunos, assim como, aqueles com comportamentos mais agressivos. Segundo Santos (2001), é necessário o entendimento do fenômeno consistindo em:

Retira-lo do manto do medo, da vergonha e da insegurança; o segundo, produzir a formação dos educadores sobre a violência contemporânea. O terceiro refere-se ao desenvolvimento da comunicação dialógica entre pais, professores, funcionários e os alunos. (SANTOS, apud, 2001, LOPES p. 34)

Emanando assim, uma intervenção que contemplem todos com a intenção de identificar o fenômeno e suas causas para a superação deste sofrimento nas vítimas.

2.4. Adoecimento docente

Como foi evidenciado anteriormente, a violência no âmbito escolar influencia tanto no trabalho docente quanto na aprendizagem dos alunos. No que se refere as implicações no fazer docente, é importante ressaltar que os habituais casos de violência afetam também a saúde do professor. Sobre esse assunto, destaca-se a seguinte narrativa:

“Diante de toda essa agitação eu vejo que tem muito professor adoecendo, sendo readaptado, em consequência de toda essa agitação causada por essas situações de violência”. (P3)

“O professor já fica naquela tensão de saber que já vai ter que entrar em uma turma “daquele jeito”, conseguir ficar ali, conseguir produzir alguma coisa é muito difícil. Tem turmas que o professor vai pensando, poxa hoje eu tenho que ir para aquela tal turma.” (P3)

De acordo com este descrito, a violência na escola afeta diretamente a saúde do educador em seus múltiplos aspectos, sejam eles mentais, físicos e psicológicos. Em tese, esse adoecimento não afeta apenas a qualidade de vida do profissional, mas também, a qualidade de ensino oferecido aos alunos.

Segundo Batista e Pinto (1999) para evitar um sofrimento maior, é um dos principais propiciadores para o surgimento do *burnout*³, resultante de quadros em que a dificuldade de relacionamento com conflitos frequentes leva educadores a situações estressantes. Esse quadro incide de modo bastante negativo no processo de ensino aprendizagem, o que significa dizer que contribui para a baixa qualidade do ensino.

Na perspectiva social-psicológica de Maslach e colaboradores, a definição mais aceita do burnout está sendo formada de três características: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho.

Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) assim explicitam as três características da síndrome da seguinte maneira: “Exaustão emocional, caracterizada por falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; despersonalização, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos; e diminuição da realização pessoal no trabalho,

³ Síndrome de Burnout é um distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso. Informação disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Síndrome_de_burnout. Acesso em: 02 de junho de 2019.

tendência do trabalhador a se auto avaliar de forma negativa (2001 apud, Carlotto, 2002, p. 23). Contudo, os sujeitos sentem-se infelizes em suas funções, assim como, em seu desenvolvimento profissional.

Farber (1991), faz duas divisões nas manifestações do *burnout* nos professores em profissionais e individuais, sendo fatos de difíceis generalizações e descrições. Conforme o autor, os docentes sentem-se exaustos fisicamente e emocionalmente, por estarem frequentemente irritados, tristes ou com raiva (1991 apud CARLOTTO, 2002, p. 24). Muitas vezes, por não encontrar soluções para seus conflitos pessoais e também aos encontrados no seu local de trabalho o educador como a falta de progresso de seus alunos se encontra frustrado, afetando diretamente a qualidade profissional do seu trabalho como também na qualidade de ensino.

Esses desgostos emocionais característicos a este fenômeno podem ocasionar manifestações psicossomáticas como úlceras, insônia, dores de cabeça, além do consumo de medicamentos e álcool, tudo isso estimulado por problemas pessoais e sociais. Como já exposto anteriormente, em questões profissionais o docente pode apresentar lacunas no seu planejamento de aula tornando-se pouco cuidadoso e atento a questões importantes dos seus alunos. Apresentando perda de criatividade e entusiasmo, sentindo menos afetividade por seus alunos e menos esperança quanto à apreciação de seu futuro. Dessa forma, o professor se apresenta depreciativo e contristado de vincular-se à docência, muitas vezes com o pensamento de abandoná-la.

Essas questões, afetam diretamente a relação do professor com o aluno, visto que, este profissional encontra-se estafado devido aos conflitos frequentes na escola o qual perde muitas vezes seu respeito para os discentes, a indiferença dos alunos para com os professores, esses pontos desestimulam gradativamente sua intervenção.

2.5 Interferências da violência no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno

Os entrevistados asseguram que a violência diária interfere na qualidade do trabalho docente assim como no aprendizado dos alunos. Ainda assim, afirmaram que a violência no cotidiano da escola é rotineira ocasionando implicações prejudiciais no andamento das aulas. Batista e Pinto (1999) advogam que a

rotinização da violência é um pressuposto contendo consequências no processo de ensino-aprendizagem, além da saúde mental das vítimas.

Em conformidade com as entrevistas a violência prejudica porque, na ocasião em que o professor está ensinando e por mais que seja incluída a violência como assunto adicional aos regulares, acaba interferindo no encaminhamento da aula, lesando a ação programada para aquele dia. Tal percepção foi transcrita por três professores:

Em sala de aula aquela turma é sempre muito agitada, brigando uns com os outros, apelidando uns aos outros, falando da mãe um do outro. Então isso interfere diretamente. (P1)

Olha vejamos aquela briga [...] o professor tinha um planejamento para aquele dia, aí acontece a briga ele tem que parar a aula, todos perdem o foco do dia [...], o professor também perdeu o seu momento de trabalhar, mas o aluno foi afetado no seu momento de aprendizagem. (P2)

Eles só querem ficar conversando sobre o que aconteceu, querem ficar justificando o lado de um, o lado de outro e acaba que a gente não consegue mais retomar o conteúdo e foi embora o planejamento daquele dia. (P5)

Sobre os relatos, Batista e Pinto (1999), apontam que um ambiente de trabalho docente desorganizado é um dos efeitos mais cruéis da violência na escola, a organização desse labor deve acontecer tanto antes, quanto durante a atuação desse profissional. As autoras analisam também que:

a excitação, a desconcentração que o ato violento provoca nos alunos, obriga o professor a um maior esforço, tanto para retomar o interesse no conteúdo ministrado, como para tranquilizar a turma de alunos, fazer diminuir a dispersão natural em um evento deste tipo (p. 313).

Ademais, as autoras acima elucidam que trabalhar a violência como tema adicional aos costumeiros conteúdos escolares requer um empenho reduplicado, uma vez que os educadores não recebem conhecimento adequado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho pode-se analisar de perto ligadas a violência no espaço escolar que perpassem tanto fora como dentro da instituição. Constatou-se nesta pesquisa que a escola é violenta no relato do grupo focal realizado com os professores assim como em minha estadia durante a pesquisa.

Com isso, mostra-se importante que tais assuntos sejam discutidos e levados em consideração, visto que, ainda existem lacunas dessa problemática na escola pelo fato de que, os professores possuem pouco suporte educacional o que dificulta sua atuação diante dessas questões.

Pode-se perceber que também que no relato da P1, com sua pouca formação para atuar em caso como esses, preferi não se envolver em situações de agressividade, pois, outros professores ao se envolverem tiveram sérios problemas como perder seu emprego. Então, entendemos que situações como essas deixam os professores desestimulados e amedrontados, receosos de intervir tanto dentro como fora da sala de aula.

Atualmente, percebemos que a violência ganhou dimensões alarmantes e está presente na sociedade encontrando-se tanto dentro como fora dos muros das instituições, a mesma é resultado de problemas socioeconômicos pela falta de oportunidades assim como a de formação educacional profissional, deixando lacunas na prática de intervenção docente.

Durante a pesquisa, constatou-se que o professor antigamente era tido como modelo de obediência e estima, porém, nos dias atuais encontra-se em seu local de trabalho ameaçado e coagido. Muitas vezes, trabalha coagido e ameaçado por equipes de alunos os quais em sua pluralidade são desfavorecidos economicamente e conjuntamente em situações de desigualdades sociais. Dessa forma, o espaço educacional que seria lugar de aprendizado e conhecimento, passa a ser local de descortesias e agressividades.

De acordo com o mencionado anteriormente, inúmeros tipos de violência adentram o ambiente colegial o qual seria espaço de convivência, encontro de sujeitos e sociabilização culminam-se em bullyings na maioria das vezes.

Sendo assim, a uma necessidade de promover políticas públicas competentes na tentativa de melhorar a qualidade de vida social da população. Possibilitando e esclarecendo para os sujeitos, para que assim, sejam emancipados, minimizando os preconceitos e diferenças sociais. Alexandre (2009, p. 83), esclarece que:

É preciso investir em propostas didáticas que envolvam a escola e a família para que, juntas, possam pensar em uma socialização mais terna, afetuosa e de respeito entre os alunos. Entender que o universo escolar é composto por pessoas que são formadas em uma sociedade onde prevalecem pensamentos e ideais hegemônicos que naturalizaram e banalizaram ao longo da história as desigualdades raciais. Somos resultados de uma educação que formatou o cidadão na valorização de um ideal de ser humano.

Assim sendo, reitero a convicção no trabalho do educador sendo predominante para a formação do gênero humano enquanto sujeitos social, crítico, consciente, de seus direitos e deveres como cidadão para um mundo melhor.

Ficou claro nesta pesquisa que é através da educação que começa a conscientização dos jovens sobre o que é violência e suas consequências, tanto para quem pratica como para quem sofre, onde primeiramente, se deve promover uma educação pacífica na escola, ambiente esse que geralmente são notados os primeiros comportamentos violentos, e depois partir para o trabalho com a comunidade escolar e se possível for com as famílias.

Portanto, o resultado deste estudo apontou que as alternativas de prevenção da violência escolar implicam em ir além de campanhas pontuais, grupos de autoajuda ou terapias individuais, sem acarretar uma maior sobrecarga de atribuições aos professores que já são sobrecarregados e vítimas dessa violência como se tem visto e ouvido nos meios de comunicação atualmente.

Contudo, é necessário acima de tudo valorizar os trabalhadores da educação, no que tange à comunidade escolar, viabilizar o acesso a informações sobre a temática violência escolar, estimular o diálogo, o respeito à criança e ao adolescente e aos seus direitos, pois numa sociedade que atualmente pratica os valores inversos de convivência saudável e imprescindível que a escola invista nas crianças e jovens valores de respeito ao próximo e não violência.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M., & AVANCINI, M. F. (2000). **A violência e a escola: O caso Brasil**. Disponível em: <<http://www.ucb.br/observatório/pdf/Escola.pdf>>. Acessado em: 24 de junho de 2019, às 20:12.8
- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violências nas escolas**. Brasília, Unesco, 2002.
- ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília, Unesco no Brasil, 2003.
- ALEXANDRE, I. J. **Relações raciais**. Um estudo com pais alunos e Professores. Cuiabá: Ed. UFMT, 2009.
- ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- AZEVEDO, S. C. A. **A escola e seus agentes perante a exclusão social**. Doutorado em Educação Social. Universidade de Granada. Portugal; 2004. Disponível em: < www.monografias.com.br >. Acesso em: 11 de junho de 2019.
- BATISTA, P. **Segurança nas escolas e burnout dos professores**. In: CODO, W. (coord.) **Educação: Carinho e trabalho**, CNTE, Brasília: UNB/Psicologia e Trabalho. Petrópolis, Vozes 1999, p. 312, 1999.
- CARLOTO, M. **A síndrome de burnout e o trabalho docente**. Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002
- CARREIRA, D. B. X. **Violência nas escolas: Qual é o papel da gestão?** Disponível em: < [http://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/artigos 13.doc](http://www.ucb.br/sites/100/127/documentos/artigos%2013.doc)>.
- CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**, Revista Sociologias, ano 4, n. 8, p 432- 443, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar?+como+os+soci.3logos+franceses+abordam+essa+quest+Revista+Sociologias.btnG=>>>. Acesso em: 10 de maio de 2019, às 22: 23 hs.
- CHESNAIS, J. C. **Histoire de laviolence**. Paris: Robert Laffont, 1981.
- CHAUÍ, Marilena. Ética e violência. **Teoria & Debate**, São Paulo, v. 11, n. 39, pp. 32-41, out./nov./dez., 1998.
- DEBARBIEUX, É.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- DEVRIES, K. M. et al. Violence against primary school children with disabilities in Uganda: a cross-sectional study. **BMC Public Health**, n. 14, p. 1017, 2014.

FONTES, Maria. **Violência Verbal.** Disponível em: <knoow.net/cienciassociaishuman/psicologia/violencia-verbal/>. Acesso em: 02/06/2019.

FRANCO, M. L. P. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Liber Livro, 2004.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GONÇALVES, L. A. Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/in115/a04n115.pdf>>. Acesso em: 24 de junho de 2019, as 19:39 min.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HAUCK. KARINE. C. S. **Violência Escolar: Um breve estudo sobre o tema.** Monografia de bacharelado. Juiz de Fora, 2009.

KODATO, S. **O Brasil fugiu da escola.** São Paulo: Butterfly, 2010.

KRUG, E. G. (Org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LOBATO, Vivian. **Violência nas escolas: Uma análise das concepções docentes.** Editora CRV: Curitiba, 2016.

LOPES, R. **Significações de violências na perspectiva de professores que trabalham em escolas “violentas”.** Dissertação de mestrado, 2004.

MASSING, Carla. R. **VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR.** Santa Maria – UFSM, s.d.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R.; NJAINE, K.; DESLANDES, S. F.; SILVA, C. M. F. P.; FRAGA, P. C. P.; GOMES, R.; ABRAMOVAY, M.; WAISELFISZ, J.; MONTEIRO, M. C. N. **Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. de S. (2003). **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção.** Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.7, n13, p.119.-34, Ago de 2003. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1412432832003000200009&script=sci_abstract&lng=es. Acesso em: 26 de junho de 2019 às 19:52.

ORTEGA, Rosario; DEL REY, Rosario. **Estratégias educativas para a prevenção da violência.** Trad. De Joaquim Ozório. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar.** São Paulo: Paulus, 2009.

PLACCO, V. M. N. S. **As representações sociais de professores do ensino médio quanto à aids, às drogas, à violência e a prevenção**. Relatório de pesquisa FAPESP, 2005.

RAMOS, E.F. **Violência escolar e bullying**: o papel da família e da escola. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/adiministracao/violencia/escolar/bullying-papel-familia-escola.htm>>. Acesso em: 19 de maio de 2019 às 23:45.

ROYER, Égide. A violência escolar e as políticas de formação de professores. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina. WILLIAMS, Lúcia C. Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Revista: Temas em Psicologia** -, Vol. 18, no 1, 45 – 55, 2010.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília: 2019.

ZALUAR, A. **Um debate disperso**: violência e crime no Brasil da redemocratização. Perspectiva, São Paulo, vol. 13, n.3, pp. 3-17, 1999.